



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

Redação, Administração e Oficinas—R. do Seculo, 45—Lisboa

# Viagem triunfal



No Porto. Comentario ouvido na estação de S. Bento:

—Tudo quanto se lhe fizer é pouco. Sempre é um homem que restitue a bolsa a seu dono...



O SÉCULO CÓMICO

- 2 -

**PALESTRA AMENA**

**Propriedade literaria**

Não é mesquinho de esperanças o actual governo e algumas realidades teem vindo na verdade justifica-las, decretando-se medidas que se tornavam necessarias, como toda a gente sentia. Entre estas citaremos, como das que mais nos deu no goto, a que o sr. ministro da instrucção acaba de promover decretando que os direitos de propriedade literaria se transmitam aos herdeiros do escritor, ainda que não tenha sido feito o registo de propriedade das suas obras.

Isto da propriedade literaria tem sido, até agora, uma especie de terreno que todos consideram baldio, embora tenha dono e este se esfalfe a berrar que ninguem, sem sua licença, tem direito a lá ir colher o que lhe custou o trabalho de semear e de cultivar. Ha quem argumente, na propriedade literaria como nos bens sociaes, que ela é de todos; quem imagina que fez uma criação não faz tal, porque ela é resultante de muitos factores estranhos e anteriores, cuja resultante era fatal, dadas circumstancias favoraveis de gestação. O pára-raios foi inventado ao mesmo tempo por dois homens, de paizes afastados, porque os elementos scientificos anteriores haviam determinado para aquele instante o aparecimento do celebre aparelho.

E' essa uma argumentação de gatuno, se nos permitem a benignidade da expressão, pois o facto merecia outra muito mais dura. Um cavalheiro inventou o A B C, outro, pelo estudo da lingua, fez a gramatica, aquele percebendo que a cadencia e a rima tornavam a linguagem mais formosa, fez o primeiro verso, e nada d'isso justificaria que taes cavalheiros, aliás de grande merecimento, se julgassem autores dos *Lusiadas* e se negasse a Luiz de Camões o exclusivo da propriedade do seu poema.

Entra pois, o governo no bom caminho, literariamente falando. Mas, triste é dize-lo! o problema ainda não fica resolvido, senão na parte em que figuram os descendentes dos autores. E em vida d'estes? quem os defende contra os ladrões (desculpem a frouxidão do termo) que se apropriam das suas idéas e ditos originaes para recheio de obras que assinam, como se fossem autores?

Em qualquer genero literario ha exemplos aos milhares dos referidos roubos, no conto, no romance, no artigo de jornal, no teatro... Ah! no teatro! Tenham os senhores o trabalho de tomar apontamento das frases graciosas das revistas do ano, da idéa dos seus quadros, das situações das comedias e dramas, etc. e folheiem as obras antigas, compulsem escriptores de outro tempo ou contemporaneos e digam depois se o teatro português não é, com raras excepções, um pinhal de Azambuja que uma pessoa não pode

atravessar sem bacamarte aperrado! Saltam-nos nomes e factos do bico da pena, porque somos dos que tomámos apontamentos, mas para que havemos de citar se esses delitos não estão previstos nos codigos e se muitos dos facinoras (perdão se a palavra é demasiadamente leve) são nossos amigos queridos, a quem o nosso bom coração não permite que demos o grande desgosto de os desmascarar?

Sim, o decreto é bom. Mas vinte anos de Penitenciaria para quem se appropriasse, em letras, do que não é seu, seriam motivo de aplauso da parte das pessoas honestas e quiçá o decreto que os estabelecesse contribuiria para que nas proximas eleições fossem votar algumas pessoas que nunca pegaram n'uma lista por imaginarem que não valia a pena.

J. Neutral.

**"Horas de silencio"**

O nosso querido amigo João Maria Sevilha, mais conhecido por poeta Ferreira, vai publicar um novo livro de versos intitulado *Horas de silencio*, noticia que damos com prazer porque, embora ele o não suponha, julgamo-lo pessoa de talento, inspirada e versejando bem.

E crêmos que comnosco está toda a imprensa, cujos reparos nunca visaram o homem propriamente dito, mas o cavallo, exposto em tempos n'uma *vitrine*



da baixa; sem a mancha do animal, Ferreira seria um literato aceitavel, mais do que muitos outros que o são.

Posto isto, tem esta por fim não só dar a boa nova como felicitar o poeta pelo titulo da obra. O tempo vai, efectivamente, para estarmos calados como ratos, guardando comnosco todas as expansões e fazendo o possivel para as recolher, se teimarem em ser indiscretas. O governo permite-as, é certo, no proximo Carnaval, mas só depois da meia noite e em familia

**O regresso**

*Dizem que a dona Lucilia,  
Aquella rica pequena  
Que ha tempos deixou a cena  
Pela vida de familia,*

*Saudosa dos bastidores  
E dos momentos felizes  
Que passam certas atrizes  
E passam certos actores,*

*Volta, a pedido do Ramos,  
A' carreira teatral,  
Ocorrença pela qual  
Todos nos felicitamos.*



*Os motivos aparentes  
São esses, dizem que são,  
Mas na minha opinião  
Bem longe de convincentes.*

*Seis anos longe de tudo,  
N'uma especie de degredo...  
Aqui ha coisa, ha segredo,  
Ha misterio e do graúdo.*

*Ou me engano, ou—que demonio!  
Por mais que o Ramos nos diga  
Na volta da rapariga  
Anda o dedo do Sidonio!*

*Percebe-se a ação diréta  
Do illustre reformador,  
Que, segundo é de supór,  
Não deixa a obra incompleta.*

*Restituiu ao teatro  
Uma artista; falta agora,  
Em complemento, pôr fóra  
Um tres ou mesmo quatro...*

Contra-regra.

**As graças do Marques**

N'um grupo de amigos, entre os quais está o nosso Marques, lêem-se as noticias dos ultimos escandalos francezes.

Comentarios:  
—Este Caillaux que todos tinham por sério!

—Como ele conseguiu iludir o publico durante tanto tempo!

—O diabo foram os telegramas do Luxemburg...

—Fez muitas o Caillaux, mas d'essa vez...

O Marques, com muito chiste:  
—Mas d'essa vez... não calhou!

**Chuva e sol**

Por telegramas da provincia sabe-se que os lavradores já se estão queixando das chuvas, como ha pouco tempo se queixavam da estiagem. Mal comparado, lembra este caso o de certo borracho...

Bem sabemos que o leitor já o conhece, mas nem por isso deixará de o gramar mais uma vez, porque nunca é de mais repetirem-se os ensinamentos.

Certo borracho, pois, homem rustico, vinha da feira da vila proxima, onde bebera como uma esponja e como o acompanhava o jumento que havia transportado a carga para vender, quiz monta-lo. Fez parar o burro, armou o salto, mas não conseguiu cavalgar; segunda tentativa, terceira e nada.

—O' meu Santo Antoninho!—exclamou. Dou-te meio almude de vinho se me deres força para montar!

N'isto arma mais um pulo, mas com tal impeto que galgou o burro e foi-se estatelar na estrada, do lado contrario.

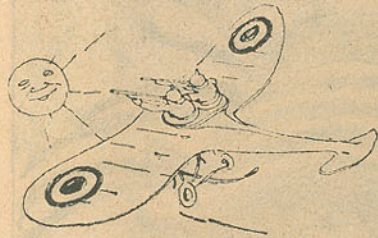
—O' meu meu Santo Antoninho! Não era preciso tanto!

Pronto. Está contada a historia que, mais ou menos, tem applicação atual—e se lhes parecer que a não tem, melhor.

**Neutralidade do sol**

A ultima idéa alemã, como narram as folhas, é aproveitar o sol para a telegrafia sem fios—mas como os boches são pessoas de segredo esta noticia, na apparencia tão simples, deve occultar obra de maior monta, como seja, nem mais nem menos do que a conquista á mão armada, do proprio sol.

O pobre astro tem feito todo o possivel para conservar a sua neutralidade no presente conflito; tem distribuido o calor pelos imperios centraes e pelos aliados, egualmente, tem nasci-



do para todos sem discrepancia, tanto tem feito crescer os pepinos em França como na Alemanha. O kaiser, porém, na sua desmedida ambição, resolveu invadi-lo com os seus exercitos, sob o ingenuo pretexto de lá ir estabelecer uma estação de telegrafia sem fios.

Já partiu o primeiro aeroplano com as antenas, mas ficam avisados os solenses de que as ambições boches vão mais longe e que devem immediatamente procurar alianças nos paizes visinhos.

Damos-lhes de conselho a que não se aliem com a Ursa; a França aliou-se com um urso, julgando que se benzia, e, afinal, quebrou o nariz.

**EM FOCO**

**Gilberto Renda e François Gourdon**



*O excelente pintor Gilberto Renda  
Eu vou cantar agora em verso antigo;  
François Gourdon, seu companheiro e  
amigo  
Tambem celebre, pela mesma prenda.*

*Não é que de pintura compreenda  
Mas a corrente de hoje em dia eu sigo;  
Calculo os elogios e o que digo  
Pelo que oiço dizer e pela venda.*

*Depois, entre poetas e pintores,  
Quando façam trabalho de relevo  
E' da praxe esta especie de favores.*

*Se alguns me devem tambem eu lhes devo  
E se louvo o que pintam taes senhores  
E' para que eles louvem o que escrevo.*

Belmiro.

**Calendarios**

Parece incrível, mas até agora recebemos UM calendario para 1918: é da officina tipografica e litografica de Henry Gris & C.ª, da rua do Ouro, n.º 33. Quer dizer: as outras casas que todos os anos costumavam oferecer-nos calendarios teem tanto a consciencia de não ter produzido obra capaz este ano, que não se atreveram a arrotar com a nossa critica.

Hurrah por Henry Gris & C.ª!

**Gréves que não prejudicam**

Afinal de contas as gréves que prejudicam são precisamente as que levam mais tempo a solucionar-se, quando se solucionam. Outras tem havido que não só não prejudicam mas ainda nos favorecem, e essas terminam rapidamente, para mal dos consumidores.

Exemplos:

A gréve do pessoal dos tabacos. Enquanto ela durou deixámos de gastar dinheiro e saude com a peste dos cigarros e estavamos já com esperanças de perder o maldito vicio, quando, de repente, a companhia resolveu fazer a vontade ao pessoal.

A gréve dos chauffeurs, cremos que por motivo da carestia da gazolina. Como nunca tivemos necessidade de ir a parte alguma a mata-cavalos, nem desejo de ser cumplices em matar gente, jámais nos metemos em automovel. Começavamos a poder andar pelas ruas despreocupados, sem o crédo constantemente na boca, eis que os automoveis de praça aparecem novamente!

A gréve dos telefonos. Em chamadas e respostas, horas e horas *está lá! está lá!* apanhámos uma queixa de peito que

nos levava a caminho da tuberculose, quando as telefonistas se lembraram de cortar de vez a comunicação. Bem: os nossos pulmões iluminaram em arco, o organismo principiava a fortalecer-se e logo as telefonistas voltaram ás suas funções.

Agora, porém, o caso fia mais fino. Anuncia-se para d'aqui a pouco a gré-



ve das engomadeiras, julgando talvez estas senhoras que nos ralaremos muito se nos obrigam a trazer a roupa branca sem goma. Pois estão muito enganadas; não nos ralamos nada e se nos dér na cabeça nós proprios engomaremos as nossas camisas e objetos concomitantes.

Da idade em que estamos, sem o serviço das mulheres passamos nós perfeitamente.

**DA POLONIA**

Foi transmitido em francez aos nossos jornaes o ultimo celebre discurso de Wilson, de onde algumas nebulosidades que talvez não existissem se es tradutores tivessem recorrido ao respectivo dicionario.

Assim, fala-se diversas vezes nos polonezes. Querem ver que os rapazes queriam dizer *polacos?*

# MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

17.ª Parte

2.º Episódio

O QUIM E O MANECAS

(Continuação)



1.—O Manecas ás costas do macacão, dirige-se á cidade dos macacos

2.—e é apresentado a toda a macacaria.



3.—Dentro em pouco todos reconhecem que o Manecas é superior aos habitantes da ilha, pelos seus dotes de espirito, e os macacos, com muitas saudações, aclamam-no rei.

(Continua)